

A MOTIVAÇÃO NA APRENDIZAGEM E NA PRÁTICA DE VOLEIBOL

Martins, C. R.¹; Nogueira, T. A. L.¹; Matta, Paula F. R.¹

¹Universidade do Vale do Paraíba/Faculdade de Ciências e Saúde

Resumo- O objetivo desse estudo é compreender as relações existentes entre o processo ensino e aprendizagem do voleibol e os aspectos motivacionais. Utilizando-se a técnica de revisão bibliográfica cujo foco encontra-se sobre os conceitos e aplicações do processo motivacional inserido no contexto da aprendizagem das habilidades motoras, especificamente nos jogos de voleibol. Compreendendo a relevância dos estudos que tem o processo motivacional como objeto de estudo em relação à aplicabilidade e com recurso essencial a aprendizagem de habilidade motora. Embora diversas teorias busquem compreender esse processo, o reconhecimento de sua importância, além de possibilidades de aplicação reais e fundamentadas pode contribuir para a ação do professor durante as fases iniciais de aprendizagem de habilidades motora.

Palavras-chaves: Motivação, Ensino-aprendizagem, Voleibol.

Área de conhecimento: Ciências da Saúde

Introdução

As escolinhas de esportes são importantes no processo de aquisição de habilidades motoras específicas, pois, auxiliam no processo ensino-aprendizagem de uma determinada modalidade.

Em busca do aprimoramento das técnicas de voleibol, as atividades esportivas devem ser trabalhadas por meio de práticas, específicas, salientando a importância da adaptação de jogos, procedimentos técnicos e teóricos. Desta forma, o papel do professor de Educação Física é trabalhar o lado cognitivo, afetivo e motor dos alunos integrando os domínios do comportamento e oferecendo possibilidades de novas e diversificadas experiências motoras.

Analisando os motivos pelos quais as crianças se envolvem em programas esportivos, SAMULSKI (2002) destaca que o aluno procura ter alegria, aperfeiçoar suas habilidades, aprender novas, praticar com amigos, fazer novas amizades, adquirir forma física e sentir emoções positivas. Aliás, segundo Weinberg & Gould (apud SAMULSKI, 2002, p.57), *“a motivação para prática esportiva depende da interação entre a personalidade (expectativas, motivos, necessidades, interesses) e fatores do meio ambiente como facilidades, tarefas atraentes, desafios e influências sociais”*.

Na realidade os fundamentos básicos do voleibol-passe, recepção ou domínio e finalização – são elementos necessários para a prática inclusiva e podem ser aprimorados por meio do treinamento específico. Porém, em muitas vezes, o educador é meramente um técnico e acaba por não se preocupar com a constante estimulação

que deveria aplicar a seus educandos. Nem mesmo, lembra-se de que cada aluno-atleta é um caso, tem necessidades particulares, por tanto precisa de atenção e estratégias diferentes e específicas.

Revisão de Literatura

Conceitos

Ao analisarmos as teorias e classes de motivação na aprendizagem escolar, podemos perceber que o professor e o psicopedagogo são figuras-chave na motivação dos alunos. Isso se caracteriza principalmente na avaliação, pois hoje só avaliamos os resultados dos alunos. Na prática, a avaliação é sinônimo de qualificação de alunos. Esse conceito deve se entender ao controle e seguimento dos processos de aprendizagem, à avaliação do planejamento curricular e didático ao trabalho do professor, ao funcionamento da escola. Avaliamos para melhorar o processo e resultados. Para isso, é preciso que se evitem as comparações de um com outro, que se planejem as avaliações de modo a permitir saber não só o que o aluno domina e o que não domina, mas também as causas. Informar qualitativamente o que o aluno necessita corrigir ou aprender. Enviar mensagens para tentar aumentar a confiança do aluno em suas possibilidades. Não fazer avaliação na frente de todos. É importante conhecer e classificar as diferentes motivações dos alunos e ver que tipo de tarefas e métodos são mais adequados.

É interessante observar que em alguns alunos, o desinteresse e o baixo rendimento podem ser devido à deficiência tão básica quanto não ser capaz de recolher, elaborar e utilizar adequadamente a informação; por isso devem-se

apresentar aos alunos diferentes modos de abordar e dar sentidos as novas informações, ou seja, ensinar-lhes a aprender, torná-los autônomos diante da aprendizagem.

Faz-se necessário enfatizar, que no campo da motivação, nenhuma técnica didática de grupo pode substituir o contato pessoal, o diálogo, a escuta, a ajuda para que o aluno esclareça seus sentimentos diante das tarefas escolares. É imprescindível dedicar um tempo a esse acompanhamento pessoal dos alunos. apud Tapia (1999) *virtus, tubarão v. 2* (pg 238-239, 2002).

Em relação à proposta de WINTERSTEIN (2002), os referenciais teóricos da motivação para a realização de atividades têm se pautado em duas bases:

▪ *Orientação para a Tarefa – Motivação Intrínseca*

É aquela referente à escolha e à realização de determinada atividade por sua causa, por ser interessante e atraente ou, de alguma forma, gerada de satisfação. Se há comprometimento com uma atividade é considerado ao mesmo tempo espontâneo, parte do interesse individual, e autotélico, isto é, a atividade é um fim em si mesmo. Desta forma, a recompensa principal é a participação na tarefa, sem necessidade de pressões externas, internas ou premiação por seu cumprimento.

▪ *Orientação ao Ego – Motivação Extrínseca*

Os motivos movem o ser humano pelas conseqüências que espera em virtude da ação executada. No caso da motivação extrínseca, OTERO, (2002) afirma ser pelas conseqüências que espera alcançar devido às reações do ambiente. A pessoa está sempre dependendo, de certo modo, das reações dos outros e atua “interesseiramente”.

No contexto escolar, a motivação extrínseca destaca-se por uma avaliação cognitiva das atividades como sendo um meio dirigido a algum fim extrínseco. Isto é, o educando acredita que o envolvimento na tarefa trará os resultados desejados – notas, elogios, prêmios – ou o ajudará evitar problemas.

Necessidades básicas primárias e secundárias

1- Necessidade fisiológica a comida, a bebida, o sono, o sexo, as necessidades adquiridas podem se incluir neste nível.

2- As necessidades de segurança são bem conhecidas e diversas; estabilidade, proteção e libertação do medo e da ansiedade.

3- As necessidades sociais são as de pertencer, estar associado, ser aceito pelos companheiros, ter amizade, etc.

4- Necessidades de auto estima, ter confiança em si mesmo, autonomia, sucesso, competência, relacionam com a própria reputação, gratidão, respeito, prestígio, etc.

5- As necessidades de auto realização no vértice das necessidades do homem, são as de dar vida as nossas potencialidades, de nos desenvolvermos ou aperfeiçoarmos continuamente, de sermos criativos de realizarmos um projeto pessoal de vida, de realizar aquilo que de melhor há em nós.

Para finalizar as necessidades primárias e secundárias, vêm as necessidades de afeto e status que são insaciáveis.

Adler (apud SCHULTZ, 1981 *virtus, Tubarão, v.2*, pág 230, 2002).

O jogo como uma possibilidade de aprendizagem

O comportamento de associar-se a grupos é tratado na literatura em Psicologia Desportiva como afiliação. ALDERMAN (1984), identifica em seus estudos, algumas tendências que explicam o porquê das pessoas buscarem a afiliação esportiva:

- a) medo do isolamento
- b) auto-estima.

Para SCALCAN e outros (1999), o principal fator pela procura da prática esportiva continua sendo à busca da ludicidade, divertimento e aprimoramento de suas habilidades motoras. Onde o professor pode também trabalhar o lado cognitivo e afetivo dos atletas.

Área Cognitiva

Transmitir noções sobre o voleibol;
Conhecer técnicas e táticas do jogo;
Conhecer regras e penalidades;
Transmitir noções sobre o voleibol.

Área Motora

Ser capaz de realizar os fundamentos do voleibol;
Realizar o jogo propriamente dito;
Reconhecer a tática e saber organizar uma equipe em quadra;
Entender, respeitar e interpretar as regras do jogo;
Saber aplicar as penalidades do voleibol.

Área Afetiva

Respeitar o outro e ter espírito de equipe.
Saber lidar com vitórias e derrotas.
Verbalizar sentimentos; alegrias prazer satisfação e frustração na realização das atividades motora.
Demonstrar autoconfiança.
Participar de diferentes atividades corporais demonstrando atitudes cooperativas e solidárias

sem discriminações sociais, físicas, sexuais ou culturais.

A competição deveria ser estimulada apenas para aqueles que demonstrassem esse tipo de interesse dentro do esporte organizado. A ênfase excessiva na competição, segundo GALLAHUE & OZMUN (2001), é muitas vezes citada como razão para a desistência em atividades desportivas, juntamente com a fadiga produzida por excesso de treinamento e ensino inadequado.

O voleibol enquanto uma possibilidade de jogo

William G. Morgan, mais conhecido como “armário”, foi o criador do mintonette – primeiro nome do voleibol – em 1895. Na época o americano era diretor de educação física da ACM – Associação Cristã de Moços, na cidade de Holyoke, em Massachusetts, nos Estados Unidos. A princípio o esporte era restrito à cidade de Holyoke. Depois, com a idealização de uma conferência no Springfield’s College entre diretores de educação física dos Estados Unidos, na qual foi realizada uma demonstração do jogo, o voleibol começou a se difundir por Springfield e outras cidades de Massachusetts e Nova Inglaterra. Ainda em Springfield, o doutor Halstead sugeriu que o nome do esporte fosse trocado para volleyball, tendo em vista que a idéia básica do jogo era jogar a bola de um lado para outro, por sobre a rede, com as mãos.

Ao decorrer dos anos, CBV, (2002) salienta que o volleyball ganhava rapidamente novos adeptos, crescia vertiginosamente no cenário mundial. O Canadá foi o primeiro país fora dos Estados Unidos a praticar o esporte, seguido por China, Japão, México, países europeus, asiáticos, africanos e sul americanos.

O primeiro país da América do Sul a conhecer o voleibol, foi o Peru, em 1910. Já o primeiro campeonato sul americano aconteceu em 1951, no ginásio do Fluminense, no Rio de Janeiro, sendo que o Brasil foi consagrado campeão masculino e feminino.

A FIVB – Federação Internacional de Voleibol foi fundada em 20 de abril de 1947. E, só, dois anos mais tarde foi realizado o primeiro campeonato mundial em Praga, na Tchecoslováquia, vencido pela Rússia. Porém, o esporte somente foi admitido como olímpico em 1962.

A CBV foi difundida em 1954. E os bons resultados da seleção brasileira de vôlei começou a surgir em 1981, na Copa do Mundo do Japão. Hoje, o Brasil tem o campeonato nacional mais forte do mundo, a Superliga. A CBV (2002) revela que o voleibol é o esporte mais jogado no país depois do futebol.

Os esportes coletivos, como o vôlei, têm como característica o ataque e a defesa, em que as diferenças que envolvem cada modalidade são

os fundamentos e as estratégias utilizados para se chegar à vitória. O voleibol especificamente é um jogo em que o atleta usa as mãos, mas só para tocar a bola. Não é permitido carregá-la ou segurá-la, TEIXEIRA (1996).

Fundamentos do Voleibol

Os fundamentos são elementos necessários à prática das modalidades esportivas. Numa pesquisa, MELO (1999) mostra que os fundamentos básicos do voleibol são: passe, recepção ou domínio e finalização.

Motivação e Voleibol

Motivação Extrínseca – o jogador de voleibol se vê motivado a partir de um torneio por que este oferece aos participantes, uma grande quantidade em dinheiro ao campeão. Neste caso, RODRIGUES (2002, p.1) entende que “qualquer que seja o seu desempenho, este estará ligado a um estímulo externo: o dinheiro”.

Motivação Intrínseca – O jogador de voleibol se vê motivado a partir de um torneio não apenas pela recompensa externa que poderá oferecer “mas principalmente por que ele sente prazer em jogar e competir” RODRIGUES (2002, p.1).

Conclusão

A escolha do tema “A motivação na aprendizagem e na prática do voleibol” é de grande importância no processo de aprendizagem motora tanto em criança como em jovens. Sendo que, o aprimoramento das técnicas por meio da motivação resulta num melhor desempenho do aluno-atleta.

Sem motivação, o indivíduo em aula de Educação Física acaba por não exercer as atividades indicadas pelo professor. Daí, o papel mais importante do educador é ter o compromisso e a intenção de “motivar” seus educandos para o esporte, criando valores e estímulos positivos e atrativos, consciente das necessidades de seus atletas.

Portanto, conclui-se que a aprendizagem de habilidades específicas de voleibol trará resultado positivo se as técnicas e os métodos de ensino e motivação, além de outros fatores, forem direcionados a descoberta das potencialidades individuais e ao sucesso da equipe. Ficando claro que o aprimoramento deve visar às características bem como os fatores e necessidade de cada educando e do grupo em questão. O treinamento diferenciado e direcionado para uma melhora na habilidade motora e no desenvolvimento global dos alunos.

Referências Bibliográficas

- ALDERMAN. R. Psychologia Behavior in Sport. Philadelphia: W. B.Saunders, 1984.
- BENTO, Jorge Olímpio. Os jovens e o desporto: o desporto, as crianças, os jovens e o rendimento. Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras, 1999.
- BOJIKIAN, J.C.M. Ensinando Voleibol. Guarulhos: Phorte Editora, 1999.
- BORUCHOVITCH, E. A motivação do aluno: contribuições da psicologia contemporânea. Petrópolis: Vozes, 2001.
- BRONFENBRENNER, Urie. A ecologia do desenvolvimento humano: experimentos naturais e planejados. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.
- CBV – Confederação Brasileira de Voleibol. História do voleibol. Disponível em: <http://www.cbv.com.br/cbv/institucional/index.asp?m=historiavoleibol.htm>. Acesso em: 16 dez. 2002.
- Regras do voleibol. Disponível em: <http://www.cbv.com.br/cbv/institucional/index.asp?m=regras.htm>. Acesso em: 16 dez. 2002.
- COSTA, L. P. Questões da educação física permanente. Rio de Janeiro: EDSRJ, 1989.
- DE MARCO, A. & JUNQUEIRA, F. C. Diferentes tipos de influência sobre a motivação de crianças numa iniciação esportiva. In: PICCOLO, V.L.N. Educação física escolar: ser ou não ter? Campinas: Unicamp, 1993.
- GALLAHUE, David L; OZMUN, John C. Compreendendo o desenvolvimento motor: bebês, crianças e adultos. São Paulo; Phorte, 2001.
- IAOCHITE, Roberto Tadeu. A prática de atividade física e o estado de fluxo: implicações para a formação do futuro profissional em educação física. 1999. 128 f. Dissertação de Mestrado em Ciências da Motricidade – Instituto de Biociências – Universidade Estadual Paulista, Rio Claro.
- IAOCHITE, Roberto Tadeu et al. A prática de atividade física no cenário universitário: um estudo sobre o fluir. Revista Unicastelo, ano 3, nº. 3, 35-42, 2000.
- LAWTHER. J.D. Psicologia desportiva. Rio de Janeiro: Fórum editora LTDA, 1973.
- MACHADO, A.A. Psicologia do Esporte Temas emergentes. Jundiaí: Ápice, 1997.
- MAGILL, Richard A. Aprendizagem motora: conceitos e aplicações. 5 ed. São Paulo: Edgard Blücher, 2000.
- MELO, Rogério Silva de. Esportes de quadra. Rio de Janeiro: Sprint, 1999.
- MURRAY, E. J. Motivação e emoção. 4 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- OLIVEIRA, Daniela Rust, De. A influência da atividade recreativa como um fator profilático na degradação social de crianças em situação de risco da cidade de Caratinga- MG. Monografia, EFISC, 2002.
- OTERO, Oliveros. Vontade e motivação. Aldeia. Disponível em: <http://www.paginasprofessor.no.sapo.pt/vontade1.htm>. Acesso em: 16 dez. 2002.
- RODRIGUES, Karol. Motivação, todo campeão tem. Motivação para jogar tênis. Disponível em: <http://fbt.com.br/tecnicas/saude/psicologia/motivacao.htm>. Acesso em: 17 dez. 2002.
- SAMULSKI, Dietmar M. Psicologia do esporte. São Paulo: Manole, 2002.
- SCALCAN, R.M Becker Jr, B. & Brauner, M.R.G. Fatores motivacionais que influem na aderência dos programas de iniciação desportiva pela criança. Revista perfil. Porto Alegre; Editora da UFRGS, 1999.
- SCHULTZ, (1981) virtus, Tubarão, v.2, pág. 230 (2002).
- SILVA (1992) apud FRANCO, A influência da educação física escolar no desenvolvimento psicomotor de crianças. Monografia, EFISC, 2002.
- Tapia (1999) virtus, tubarão v. 2 (pág 238-239, 2002).
- TEIXEIRA, Hudson Ventura. Educação física e desportos. 3 ed. São Paulo. Saraiva, 1996.
- WANKELE e KREISEL, P, S.J. Factors underlying of youth sports: 1985.
- GILL, D. & GROSS, J & Huddleston, S. participation motivacion in youth sports, 1983.
- WINTERSTEIN, Pedro. A motivação para a atividade física e para o esporte. In: DANTE, Rose Júnior et al. Esporte e atividade física na infância e na adolescência: uma abordagem

multidisciplinar. Porto Alegre: Artmed, 2002. Pág.
77-86.